

**N**ovo ano, novos desafios. Início meu primeiro editorial entusiasmado com o trabalho que temos pela frente. A partir desta edição, passo a ser o editor coordenador da *Nova Perspectiva Sistêmica*. Agradeço o convite de Helena Maffei Cruz, Carlos Eduardo Zuma e Marilene Grandesso para estar nesta posição que, apesar do meu receio inicial em dar conta da tarefa, estive certo desde o princípio de que traria muitos aprendizados e crescimento.

Seguiremos buscando aprimorar a qualidade de nossa revista, contentes com a comemoração dos 20 anos, em dezembro do ano passado, e com todo o espaço já conquistado. Coloco a mim mesmo o desafio de iniciar um novo ciclo da revista, de promover o aumento de diálogos com o meio acadêmico, mantendo, ainda, nosso compromisso em divulgar práticas inovadoras e experiências enriquecedoras de nossos colaboradores terapeutas, no âmbito de suas práticas clínicas.

A edição 42 chega com diferentes e interessantes contribuições, propostas de mudança de paradigmas em experiências de intervenção inovadoras e instigantes, atenta aos novos contextos atuais e tecnologias.

Começamos com um artigo recebido da Espanha, de Álvaro Ponce Antezana, *Intervenção com homens que praticam violência contra seus cônjuges: Reformulações teórico-conceituais para uma proposta de intervenção construtivista-narrativista com perspectiva de gênero*. Trata-se de uma importante contribuição em relação a este tema tão atual: a violência contra mulheres e o trabalho interventivo com os autores de violência, setor em pleno desenvolvimento no contexto brasileiro. Neste texto, o autor se propõe a fazer uma reflexão teórico-prática e com teor crítico, a partir de sua própria experiência, sobre o trabalho psicoterapêutico de grupo com homens autores de violência contra mulheres. Questiona os modelos atuais dominantes de intervenção na temática, problematiza conceitos e explica o posicionamento narrativo, construtivista e socioconstrucionista com perspectiva de gênero, centrado nos processos de fortalezas humanas, como proposta para a intervenção com os autores de violência.

Seguimos com o artigo *Facilitando uma conversa sobre álcool e outras drogas: um convite à reflexão*, enviado por Virginia Barbosa. A autora nos convida a um novo paradigma para a promoção do diálogo sobre álcool e drogas com adolescentes em um colégio do Rio de Janeiro. Conta-nos sua experiência baseada no método de facilitação sistêmica de processos coletivos, criação de contexto colaborativo e processo de construção de saber coletivo. Utiliza como base o paradigma da complexidade, construcionismo social e a lógica de redução de danos.

O terceiro artigo desta edição é de Adriana Müller e leva o título *Troca de cartas no Time da Vida: um bate-bola construtivo*. Este texto apresenta a experiência de utilização da metodologia Time da Vida, envolvendo a troca de correspondências entre internos de centros de reabilitação de drogas e álcool. Participam desta experiência internos do Brasil e da Austrália. Os grupos dos dois países participantes intercambiam pontos em comum de suas histórias e constroem uma relação de ajuda, promovendo a noção de unidade compartilhada e interesse de compartilhar a vida. Esta experiência e metodologia se baseiam na ideia de que cada pessoa é especialista em sua própria história. Na interação fortalecem habilidades e conhecimentos e ampliam suas histórias.

Seguindo em nossa apresentação, trazemos outro texto internacional, com um tema muito contemporâneo, nesta época que vivemos de domínio de novas tecnologias de comunicação que aproximam pessoas de diversas partes do mundo. Aspecto que estamos familiarizados inclusive na editoração da revista, considerando que nós, editores, unimos Rio de Janeiro, São Paulo e Barcelona, como se fossem cidades vizinhas, graças às tecnologias contemporâneas de comunicação instantânea, sem sentir a distância oceânica. O artigo, escrito por Gonzalo Bacigalupe e Susan Lambe, e intitulado *Virtualizando a intimidade: tecnologias da informação e comunicação e famílias transnacionais em terapia* explora o impacto potencial das tecnologias de comunicação da informação na vida das famílias transnacionais, que são redesenhadas e transformadas a partir da experiência imigratória. O texto busca demonstrar as potencialidades de uso destas tecnologias na prática de terapeutas familiares que atendem famílias transnacionais.

Falando em imigração, a nossa seguinte contribuição apresenta a experiência de atendimento clínico de mulheres de descendência germânica, atendidas em uma clínica escola do Rio Grande do Sul. O artigo se chama *Mitos e legados da cultura germânica: a saga das construções transgeracionais*, de autoria de Camila Roberta Lahm-Vieira, Fernanda Ritter, Luiza Carina Sohne e Mariana Gonçalves Boeckel. As autoras buscam explorar os mitos que influenciam a história destas mulheres, derivados de aspectos históricos e culturais de sua descendência familiar germânica, influenciando também nas relações de gênero e produzindo impacto em suas subjetividades e experiências de vida.

O seguinte texto também do sul do país, agora de Santa Catarina, chama-se *Contribuições de um trabalho grupal multifamiliar para as famílias participantes*, de autoria de Denise Gasperin Gelain e Doris Waldow. Este texto busca compartilhar a experiência de trabalho multifamiliar realizada em uma clínica escola, analisando as narrativas das famílias participantes de forma a vislumbrar a contribuição do trabalho grupal a estes participantes. Trata-se de uma experiência inovadora que toma por base o enfoque familiar sistêmico, o construcionismo social e as práticas narrativas, usando técnicas da terapia comunitária e da terapia familiar, adaptadas a este contexto.

O último artigo desta edição remete à experiência de um projeto piloto realizada na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), de um grupo psicoeducativo denominado “Ponto de Encontro”. Este grupo está direcionado a portadores de esquizofrenia. O texto traz o título *Do ponto de interrogação ao ponto de encontro: uma experiência grupal em psicoeducação* e é de autoria de Fernanda de Almeida Pimentel, Jorge Cândido de Assis, Débora Grinspun Shor, Priscilla Feres Spinola, José Alberto Orsi, Wagner Barbosa de Souza, Rodrigo Affonse-

ca Bressan e Cecília Cruz Villares. O grupo se baseia nos pressupostos do construcionismo social. A autora relata a experiência de realização destes grupos e avaliação dos participantes que relatam uma melhor convivência com a doença, uma postura reflexiva quanto ao tratamento, empoderamento, diminuição do isolamento e autoestima.

Apresentados os artigos, seguimos para as seções da revista. Na **Ecoss**, Rosana Galina nos convida a revisitar o artigo de Saúl Fuks, *A celebração da surpresa*, da edição comemorativa de 20 anos. A autora seleciona partes significativas do texto e traz comentários que instigam o leitor a ler o artigo na íntegra. Saúl Fuks discute, ao longo do artigo, a definição do ato de surpreender e da palavra curiosidade. Rosana, nesta seção, mostra-nos seu encantamento com a escrita do autor e faz um trocadilho afirmando não se surpreender com a qualidade das palavras redigidas de forma clara, embasada e esclarecedora, por serem do conhecimento de todos nós ligados às ideias pós-modernas as posições do autor, coerentes com sua reflexão sobre a Surpresa.

Na seção **Família e comunidade**, Carlos Eduardo Zuma nos convida a refletir sobre o Projeto de Lei (PL) n. 7.672/2010, popularmente conhecido como Lei da Palmada. Busca trazer informações sobre este projeto, contextualizando o tema no Brasil e levantando argumentos a favor e contra esta lei. Seu texto intenciona contribuir para a reflexão sobre a problemática, bastante discutida recentemente pela mídia nacional e importante para nosso trabalho como terapeutas de família.

Em **Conversando com a mídia**, somos convidados por Silvia Finkelstein Rawet a conhecer o filme documentário *Lixo extraordinário* de Vic Muniz. Em sua reflexão, a autora nos diz que o filme traz novos sentidos e visões para o lixo e realiza conexões entre a temática e o trabalho clínico dos terapeutas. Questiona-nos sobre nossos próprios lixos internos, propondo perguntas reflexivas ao leitor.

Para finalizar, Maria Angela Teixeira apresenta, na seção **Estante de Livros**, a resenha do livro de David Denborough, intitulado *Práticas Narrativas Coletivas: trabalhando com indivíduos, grupos e comunidades* que vivenciaram traumas. Segundo relata em seu texto, o livro é um exemplo inovador e sensível sobre o uso dos conceitos da terapia narrativa, apresentando novas e criativas metodologias e práticas. Ao lermos o livro, comenta, aprendemos teoria com a prática. Ela relata que o autor descreve no livro sua ampla experiência com as práticas narrativas no âmbito comunitário.

Convido os leitores a participar ativamente da elaboração da NPS, enviando colaborações, artigos, ideias, sugestões. Pedimos também que divulguem a revista para suas redes, de modo que mantenhamos nosso constante crescimento, aprendizado e diálogo colaborativo na divulgação de práticas e inovações no âmbito terapêutico. Desejo uma excelente leitura a todos e todas!

Adriano Beiras

